

# INTERAÇÕES COMUNITÁRIAS COM OS RECURSOS HÍDRICOS EM MARQUES DE SOUZA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

## O elo perdido

*Jane M. Mazzarino, Luciana Turatti, Laura Barbieri de Oliveira, Cristiana Ruver e Monique de Moraes Quadros*

*Centro Universitário Univates*

*Resumo: Este artigo aprofunda o viés sociocultural da relação entre a comunidade e os recursos hídricos. O objetivo foi investigar as práticas sociais experienciadas e compartilhadas em relação à água em uma comunidade que vive a margem de dois rios. O estudo é qualitativo e baseia-se nas pesquisas bibliográfica e de campo realizadas em 2011 e 2012. Os sentidos circulantes entre os informantes deixaram entrever duas matrizes culturais principais: a matriz histórica e a matriz simbólica.*

Cada um de nós tem um papel na configuração da história da criação do futuro. Cada um de nós é responsável pelo *kumbh* —o pote de água sagrada.

*Vandana Shiva, Guerras por água*

Este artigo resulta da investigação dos discursos relativos às práticas sociais experienciadas e compartilhadas sobre a água no município de Marques de Souza, nos quais se buscou identificar as matrizes culturais que permeiam significados, valores e usos sociais desse recurso natural.

Marques de Souza localiza-se na região centro-leste do Rio Grande do Sul, estado no extremo sul do Brasil, a 143 quilômetros da capital, Porto Alegre. Seus 4.068 habitantes dividem-se entre as áreas rural e urbana. Sua economia baseia-se na atividade agropecuária e no comércio.

Por se ter como objetivo compreender significados relacionados à interação da comunidade com a água, optou-se pelo método qualitativo, baseado em entrevistas semiestruturadas aplicado conforme a perspectiva teórica dos estudos culturais. Trata-se de um estudo que trabalha sobre padrões culturais coletivos, modos de vida, significados e elementos subjetivos relacionados ao uso da água, elementos de interesse dos estudos culturais. Esse estudo centra suas análises na experiência, na atribuição de sentido dada à realidade, na evolução das culturas, nas práticas sociais compartilhadas no cotidiano, na criação de significados comuns e em práticas de poder.

De forma mais simples, mas talvez como alerta Johnson (2010, 25), perigosa, os “Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”. Para esse autor, o foco é a concretude da vida vivida e sustentada subjetivamente, na qual o circuito comunicacional coloca em circulação significados ancorados em

*Latin American Research Review*, Vol. 50, No. 4. © 2015 by the Latin American Studies Association.

condições de produção e de leitura. Tais significados são construídos e também compartilhados amplamente (representações públicas e universais) ou parcialmente (vidas privadas como em grupos ou no âmbito particular). A circulação destas produções culturais é marcada por contratos, pactos, lutas, disputas e acertos de sentidos.

O campo de análise dos estudos culturais é a cultura da sociedade contemporânea, que surge e se difunde socialmente pelos modos de vida e estruturas coletivas. "A cultura [ . . . ] está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. [ . . . ] O propósito da análise é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período: essa é sua 'estrutura de experiência'" (Hall 2003, 136).

A noção de cultura assim configurada aponta para um olhar que privilegia a interação mútua de todas as práticas e padrões que caracterizam a organização de uma sociedade em determinado momento histórico. Estes padrões constituem-se matrizes que organizam e estruturam a cultura, seja de um grupo social, de uma comunidade ou da sociedade global, dependendo do âmbito das análises.

As mediações, as práticas de resistência, as formas de apropriação e os usos sociais dados aos sentidos em circulação nos processos de comunicação são construtores de matrizes culturais, que para Martín-Barbero (1997, 258), não se referem à evocação do arcaico, mas ao "residual", "substrato da constituição dos sujeitos", "veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas". A partir de autores latinoamericanos desta vertente, Mazzarino (2013) propõe pensar as matrizes culturais como marcas incrustadas na experiência, que são ativadas nas interações sociais e embaralham-se com as novas experiências, guiando processos de significação que permeiam o cotidiano. Essas matrizes culturais atualizam-se no (des)encontro cultural da interação, quando, então, se modificam, desterritorializam-se e reterritorializam-se. Ao mesmo tempo em que as matrizes culturais se constituem por via das mediações sociais, são elas mesmas mediações para os fazeres sociais e na elaboração de novas identidades.

Para Martín-Barbero (1997), as articulações e mediações da sociedade civil são práticas políticas cotidianas, processos produtores de significações que reivindicam seu reconhecimento. Assim, os modos de apropriação cultural e usos sociais são lugares de luta simbólica provenientes de competências culturais. Esta prática política relativa aos encontros e desencontros de sentidos sobre como cada um interage com os recursos naturais toma o espaço público de modo mais enfático a partir da Conferência de Estocolmo, Suécia, 1972, mas só passa a ser um dos temas centrais na sociedade globalizada a partir da década de 90, quando tem lugar no Rio de Janeiro, Brasil, a Conferência Mundial do Meio Ambiente, em 1992.

Gradativamente as deliberações das conferências mundiais vão influenciar as sociedades, desdobrando-se em avanços legais, programas e ações socioambientais que apontam em direção à busca da sustentabilidade. Diretrizes, princípios e objetivos presentes em tratados e acordos realizados em eventos internacionais têm servido de parâmetro na construção das políticas públicas dos recursos hídricos.

Atualmente a organização do Brasil em bacias hidrográficas geridas por comi-

tês, que têm representantes de todos os setores sociais, representa um avanço em direção à governança hídrica, apesar de considerar-se que ainda muitos ajustes são necessários, especialmente em relação à participação e à representação mais efetiva dos diversos grupos sociais.

No entanto, é necessário reconhecer que as conferências ambientais desencadeiam um processo de mudança cultural relativo à circulação de novos sentidos sobre a relação entre sociedade e natureza. Pode-se afirmar que muito já se avançou em relação à percepção da importância da problemática ambiental pela sociedade nos últimos 50 anos. Arrisca-se afirmar que no início do século XXI a posição generalizada dos cidadãos enquadra-se como parcialmente mobilizada, já que é perceptível que a informação ambiental está presente nos discursos, mas é preciso avançar em direção a práticas cotidianas mais sustentáveis.

Para Zinato (2005a, 2005b) a incorporação e mobilização das pessoas no sentido de uma postura de preservação e conservação dos recursos hídricos requer que se conheçam seus pontos de vista, assim como tornar familiar o não familiar. Isto porque o indivíduo organiza as informações obtidas desenvolvendo uma predisposição para agir em relação às pessoas e aos objetos presentes no meio social. Dessa forma, o comportamento resulta da situação dada e das atitudes mobilizadas em determinada situação. Teixeira, Furtado e Bock (2002, 137) ressaltam que as “atitudes podem ser modificadas a partir de novas informações, novos afetos ou novos comportamentos ou situações”. Assim, continuamente, novas relações entre uma comunidade e os seus recursos naturais vão se construindo, resultado das dinâmicas culturais empreendidas por processos sociais, que se materializam nas narrativas dos sujeitos. É sobre estas narrativas que o presente artigo se debruça para mapear marcas historicizadas das experiências em relação à água, no passado e no presente, incluindo-se elementos do que os sujeitos imaginam como uma relação idealizada.

A relevância deste trabalho decorre do pressuposto de que os sentidos expostos nos discursos sociais revelam matrizes culturais forjadas por meio da memória comunitária, da organização social e da construção das identidades individuais e coletivas. Certamente, o estudo de caso de uma comunidade leva a conhecer as práticas culturais deste grupo social. No entanto, considera-se que estes dados, mesmo não sendo generalizáveis, evidenciam aspectos comuns também a outros grupos sociais, já que em última instância trata-se da relação entre os seres humanos e a natureza.

As escolhas metodológicas são apresentadas na sequência e, posteriormente, se caracteriza o contexto empírico do estudo. Após são apresentados os significados coletivos de modo descritivo, em uma primeira etapa analítica, organizados conforme quatro categorias de análise. Por fim, os resultados são discutidos a partir das duas matrizes identificadas: histórica e simbólica.

## MÉTODO

O estudo é qualitativo como cabe a uma pesquisa que tem como foco formas de simbolização expressas por meio das narrativas dos sujeitos. Em estudos qualitativos não se objetiva um resultado estatístico, mas a compreensão dos significados construídos pelos informantes.

A comunidade escolhida foi o município de Marques de Souza. Sua escolha justifica-se pela forte presença da água, já que o município é margeado por dois rios, e por localizar-se no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, inserido na Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, território escolhido para a realização de estudos do grupo de pesquisa Práticas Ambientais, Comunicação, Educação e Cidadania (CNPq),<sup>1</sup> e ao Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates, ao qual os autores se vinculam.

Selecionaram-se vinte e oito informantes, que aceitaram participar da pesquisa. Eles têm atuações profissionais diferenciadas, portanto representativos de diversos grupos sociais. Assim, a amostra foi definida pelos critérios não probabilísticos de tipicidade e acessibilidade. Foram entrevistados cinco empresários, doze presidentes de sociedades de água, dois produtores rurais, dois pescadores, dois líderes religiosos, dois gestores públicos, um técnico agrícola, um profissional autônomo e uma comunicadora. A amostra constituiu-se de homens e mulheres, de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade. O que definiu a escolha dos informantes foi o fato de serem formadores de opinião e/ou que tivessem forte relação com as águas. Esse número de informantes mostrou-se pertinente e suficiente para o estudo qualitativo, pois se atingiu o nível de redundância nas respostas conforme esperado para dar confiabilidade a este tipo de estudo.

Ao longo de três meses, entre 2011 e 2012, foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas casas dos informantes sobre sua relação com a água ao longo de sua trajetória de vida, incluindo-se temas relativos ao passado e ao presente vivido e imaginado. As entrevistas foram realizadas de forma individual e duraram cerca de uma hora cada.

O tratamento dos dados deu-se por meio da análise textual: um processo de desconstrução e reconstrução de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir deste processo novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. Esse processo analítico possibilita sintetizar os principais elementos e dimensões que podem ser lidos nos textos submetidos à análise. O resultado é uma leitura aprofundada, que possibilita uma compreensão elaborada sobre o tema proposto para pesquisa (Moraes 2005).

Após a transcrição de todas as entrevistas, foram realizadas leituras lineares dos dados coletados, por informante, e leituras transversais, buscando-se aproximações e distanciamentos entre significados construídos pelos diversos informantes para as mesmas questões. As informações foram classificadas em categorias de análise, definidas *a posteriori*, por meio da organização do conjunto de dados coletados. Emergiram dos discursos dos informantes as seguintes categorias de análise: historicidades, atitude, relações mediadoras, significados.

Os resultados compreendidos em cada categoria, por ser um estudo qualitativo, não foram tratados como representantes de um posicionamento da maioria ou minoria, mas como uma síntese de processos culturais em construção na comunidade estudada, que não têm a pretensão de se mostrarem generalizáveis.

1. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, órgão de fomento à pesquisa, vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil.

Antes da apresentação do método, torna-se necessário contextualizar o município em que se realizou o estudo.

#### CONTEXTO DO ESTUDO: MARQUES DE SOUZA

Este estudo foca a relação de um grupo de moradores com os recursos hídricos na Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, a qual abrange 119 municípios, nos quais vivem 1,3 milhões de pessoas. Situada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, a Bacia abrange uma área de 26.428 quilômetros quadrados, ocupa 9 por cento da extensão do estado e possui 520 quilômetros de extensão (Comitê da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas 2010)<sup>2</sup>.

Devido à sua magnitude, esta Bacia tem características físicas e antrópicas diferenciadas: áreas de alto índice de industrialização, áreas com predomínio de produção primária, zonas intensamente urbanizadas e risco de ocorrência de enchentes, entre outras. Na região os usos da água estão relacionados ao abastecimento público, ao abastecimento industrial, à irrigação, à dessedentação de animais, à navegação comercial, à recreação, à pesca comercial e à geração de energia elétrica (FEPAM 2011).

É uma das regiões que se caracteriza pelo alto índice de desenvolvimento socioeconômico no Estado, assim como por um crescimento desordenado, que trouxe uma série de problemas ambientais relacionados aos recursos hídricos, como a contaminação ocasionada pelos esgotos das residências, pelos resíduos dos criatórios de animais, pela utilização de agrotóxicos e destinação inadequada de suas embalagens. Problemas que, para serem equacionados, requerem que se considerem os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais envolvidos.

Em relação aos resíduos dos animais, os efluentes da atividade suinícola constituem-se em um dos principais responsáveis pela contaminação das águas na Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, essa atividade teve início com a chegada dos imigrantes alemães e italianos no século XIX. Quanto aos agrotóxicos, seu uso dissemina-se nas décadas de 60 e 70 do século XX, por meio de um movimento que buscava o aumento da produtividade vegetal, denominado Revolução Verde, transformou seu uso uma prática cotidiana ainda crescente na atividade rural de toda região do Vale do Taquari.

O município de Marques de Souza está inserido na sub-bacia do Forqueta, foi criado em 1995 e localiza-se no centro-leste do estado do Rio Grande do Sul, na zona alta da região geopolítica do Vale do Taquari, a 143 quilômetros de Porto Alegre. Possui 125,2 quilômetros quadrados de área territorial e 4.068 habitantes, dos quais 2.523 vivem na área rural. O IDESE médio do município em 2007 era de 0,66. Compõe este índice quesitos relativos à renda 0,66; educação 0,85; saúde 0,87 e saneamento, pior classificação: 0,26 (Banco de Dados Regional 2007).

2. No extremo leste do Planalto dos Campos Gerais, nasce o rio das Antas, até a confluência com o rio Carreiro, nas imediações do município de São Valentim do Sul. A partir daí passa a denominar-se Taquari, desembocando no rio Jacuí, junto à cidade de Triunfo. O Vale que margeia o rio Taquari é um dos mais férteis do mundo (Comitê da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas 2012).

Economicamente, o comércio destaca-se pela venda de produtos alimentícios, de vestuário e moveleiro. A atividade agrícola se baseia na produção de milho, soja, feijão e trigo. Outro setor importante é o da pecuária, com a produção leiteira industrializada no município. A avicultura e suinocultura são ramos fortes da economia, com um grande número de pequenas propriedades produzindo de forma integrada às indústrias localizadas na região. (IBGE 2010; Prefeitura Municipal de Marques de Souza 2011). Boa parte das propriedades dedicadas à suinocultura está localizada na beira dos rios e sem um sistema de tratamento adequado (Périco et al. 2005).

O município é margeado pelos rios Fão e Forqueta, afluentes da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. De acordo com o diagnóstico realizado para o Plano de Bacia, a qualidade da água na sub-bacia do Forqueta foi enquadrada como classe três<sup>3</sup>.

A situação ambiental dos rios que compõem a sub-bacia hidrográfica do Forqueta vem sendo analisada nos últimos anos, do ponto de vista biológico, abrangendo estudos de cobertura vegetal e de qualidade da água.

Com relação à qualidade da água dos rios Forqueta, Forquetinha e Fão, um estudo preliminar foi realizado, utilizando análises físico-químicas: pH, temperatura, demanda biológica de oxigênio (DBO), demanda química de oxigênio (DQO), oxigênio dissolvido (OD) e presença de insetos bentônicos indicadores de qualidade ambiental. Utilizando o Índice Biótico BMWP os resultados revelaram que todos os três rios apresentam, nos pontos coleta, água com qualidade “aceitável” (Strohschoen et al. 2009)<sup>4</sup>.

Em relação à cobertura vegetal, estudos sobre a estrutura da paisagem da bacia indicam que em um período de dezenove anos (1989 a 2008) a área florestada sofreu um acréscimo de 79,9 por cento, ou seja, um incremento médio de 6,7 por cento ao ano (Périco et al. 2011). Périco (2010) aponta que as classes de vegetação campestre, solo exposto e lavoura sofreram redução de 29,89 por cento, 52,20 por cento e 50,59 por cento, respectivamente, o que pode indicar o abandono das áreas com consequente aumento das classes de vegetação secundária (55,73 por cento), áreas urbanas (41,04 por cento) e floresta ombrófila mista (82,21 por cento).

3. A Resolução CONAMA 357/2005 prevê quatro classes de enquadramento: Classe especial — águas destinadas ao abastecimento para consumo humano, com desinfecção; a preservação do equilíbrio natural das comunidades aquáticas; e a preservação dos ambientes aquáticos em unidades de conservação de proteção integral. Classe 1 — destinadas ao abastecimento para consumo humano, após tratamento simplificado; a proteção das comunidades aquáticas; a recreação, a irrigação de hortaliças e frutas ingeridas cruas. Classe 2 — destinadas ao abastecimento para consumo humano, após tratamento convencional; proteção das comunidades aquáticas; a recreação de contato primário, a irrigação de hortaliças, plantas frutíferas e de espaços naturais de uso público, a aquicultura e a pesca. Classe 3 — ao abastecimento para consumo humano, após tratamento convencional ou avançado; a irrigação de culturas arbóreas, cerealíferas e forrageiras; a pesca amadora; a recreação de contato secundário; e a dessedentação de animais. Classe 4 — águas que podem ser destinadas apenas a navegação e a harmonia paisagística (MMA, 2013, texto digital).

4. O índice BMWP utiliza os macroinvertebrados bentônicos. Este índice ordena as famílias de macroinvertebrados aquáticos em 9 grupos, seguindo um gradiente de menor a maior tolerância dos organismos quanto à poluição orgânica. A cada família se fez corresponder uma pontuação, que oscila de 10 a 1, sendo que as famílias mais sensíveis à contaminação recebem as pontuações maiores, chegando, em ordem decrescente, até 1, em que estão aquelas mais tolerantes.

O aumento da floresta estacional decidual não foi proporcional, provavelmente porque sua localização em áreas planas facilitou a plantação de floresta industrial (*Pinus* sp. e *Eucaliptus* sp.), que aumenta na região. Essas culturas permitem ao agricultor uma fonte de renda mais estável, menos trabalhosa e menos dependente das condições climáticas (Périco et al. 2011).

A seguir são descritas as relações da comunidade com a água tomando como base suas narrativas, as quais foram organizadas em quatro categorias. Na discussão dos resultados identificaram-se duas matrizes culturais que emergiram dos sentidos mais recorrentes nas falas dos informantes.

## RESULTADOS

### *Historicidades*

Com esta categoria busca-se compreender eventuais mudanças na relação da comunidade de Marques de Souza com a água ao longo do tempo.

Os relatos apontam que antigamente a comunidade de Marques de Souza tinha acesso a uma maior diversidade de canais de água (poços, vertentes, rios, córregos, cisternas), enquanto hoje a água é fornecida pela Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), no perímetro urbano, ou por sociedades de água, que gerenciam poços na área rural. Além disso, seguem utilizando água de vertente/fonte natural, de cisternas e açudes. Na cidade passaram a usar também águas compradas em bombonas.

A Corsan é uma autarquia do governo estadual, que se responsabiliza pela captação, tratamento e distribuição da água na área urbana de Marques de Souza. Nas áreas rurais, os moradores das diferentes comunidades organizaram-se em doze sociedades para gerenciar seu acesso à água. A formação de sociedades de água é um processo de gestão dos recursos hídricos bastante comum nas áreas rurais do Vale do Taquari, onde cada localidade consome a água de uma mesma fonte. O que motivou a fundação das sociedades de água foi a necessidade de acesso, nas residências, a uma água de qualidade, com tratamento e encanamentos adequados. A utilização de fontes naturais, como poços, vertentes, riachos e o rio também impulsionaram a formação de sociedades, pois durante a estiagem, estes mananciais secavam, fazendo com que muitos moradores ficassem sem água e tivessem que se deslocar até outras localidades em busca do recurso hídrico<sup>5</sup>.

Os informantes apontaram que os usos dados à água referem-se a atividades domésticas, limpeza, higiene, consumo pessoal, para animais/produção rural e para fins industriais. O uso industrial é o único que não se registrava em tempos passados.

5. Estudo específico sobre as sociedades de água em Marques de Souza foi realizado por Laura Barbieri de Oliveira, orientado por Jane M. Mazzarino, no PPG Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates. No estudo intitulado *Gestão comunitária dos recursos hídricos e capital comunicacional socioambiental: um estudo das sociedades de água de Marques de Souza RS*, a autora incluiu as 12 sociedades de água e analisou aspectos relativos à gestão, à comunicação, à participação, ao acesso ao recurso hídrico e aos aspectos técnicos e legais. Disponível em <http://www.univates.br/bdu/handle/10737/291>.

O tratamento da água, que era artesanal (com sal e cal), hoje é motivo de conflito para os entrevistados, pois enquanto alguns consideram que a água era mais pura/limpa/gostosa no passado porque provinha de fontes, outros entendem que a água é mais limpa hoje devido às formas de tratamento. Há aqueles que desconfiam que o tratamento pode desencadear processos de doenças.

Os moradores percebem que a água era mais abundante antigamente, apesar do acesso ou distância a ela ser mais difícil. Hoje alguns entrevistados apontaram que o volume e a vazão estariam menores, por isso consideram que a escassez é possível ou inevitável. A falta de água, para os informantes, tem como causa o fato de as vertentes estarem secando, o que faz com que se preocupem mais com este recurso. Também consideram que havia mais cuidado, economia, conservação, armazenamento, enquanto hoje há mais desperdício, falta de cuidado e desvalorização da água. Entendem que a percepção da escassez pode desencadear a conscientização sobre o valor da água e maior respeito para com este recurso natural. As mudanças na relação da comunidade com a água se expressam da seguinte forma: “mudou muito”, “houve uma transformação”, “a gente aprendeu com isso”, “a enxurrada que deu mudou tudo”, dizem referindo-se ao evento ocorrido em janeiro de 2010<sup>6</sup>.

A relação da comunidade com a água deixa emergir contradições tanto em relação à valorização/desvalorização, quanto em relação ao tratamento, que torna a água mais limpa, mas também gera desconfiança. Os relatos apontaram que uma preocupação recorrente entre os informantes é com a contaminação das águas por agrotóxicos e com a qualidade da água pelo uso de cloro, que é considerado “excessivo” e que é feito porque “a legislação exige”. Também citaram que as mudanças nas técnicas agrícolas geraram o aumento no consumo de água e prejuízos a sua qualidade, devido ao uso de agrotóxicos.

Outra preocupação é com a necessidade de proteção das fontes/nascentes para que não sequem e não sejam contaminadas pela perfuração de poços artesianos. Os banhos de rio, que se constituem uma prática historicizada na comunidade, fazendo parte da memória coletiva, são evitados por alguns entrevistados que temem a contaminação.

A água proveniente das doze sociedades de água que atuam na área rural é considerada pelos entrevistados que consomem desta fonte como sendo mais limpa, higiênica ou tratada, mas isso “tem um custo”. Ou seja, a água que provinha das fontes e vertentes não era paga, enquanto a disponibilizada pelas sociedades envolve aspectos econômicos para que se tenha acesso a ela. Mesmo assim, consideram que é justamente o baixo custo da água que determina a falta de cuidado.

### *Atitude*

Os entrevistados relatam que a informação interfere nas suas atitudes e comportamentos de modo a torná-los mais sustentáveis. Eles exemplificam que

6. Uma enchente de grandes proporções alagou 60% da cidade, destruiu casas, estabelecimentos comerciais e de produção rural, cemitérios, campings, etc. Cerca de 25% da população do município ficou desalojada.



poupam mais, reutilizam, armazenam, cuidam, adequaram-se à legislação, diminuíram uso de agrotóxicos, participam mais de grupos para se informar, perceberam a relação entre água e saúde, se preocupam com a questão. Ao se informarem, os usuários da água colocam-se como mediadores das informações. Alguns presidentes de sociedades de água afirmam que, ao assumir este papel de liderança na comunidade, a sua relação com a água mudou, já que perceberam a necessidade de cuidar deste recurso. O exercício da liderança gerou um processo de conscientização.

As fontes de informação mais acessadas pelos entrevistados no seu cotidiano referem-se a quatro tipos: (1) midiáticas (televisão, rádio, jornais, Internet, livros, revistas, propagandas), (2) sociais de proximidade (grupos de bocha, futebol, dança, família, conversas na comunidade, boca a boca), (3) organizações não governamentais de natureza técnica e educativa (conselhos, comitê de bacia, sindicatos, órgãos representativos de agricultores, escolas e universidade, em reuniões, palestras, seminários, cursos), e (4) organizações governamentais (órgão de assistência técnica rural do Estado, Corsan e prefeitura). Observa-se que as sociedades de água não foram lembradas como fontes de informação. Outros grupos sociais aos quais alguns entrevistados afirmaram pertencer não foram citados como fontes de informação: associação de moradores, clubes de mães, grupos de idosos, comunidade escolar, sociedade de cantores, coral.

Para os entrevistados, ao abordar o tema água estas fontes de informação ressaltam que acessam seis tipos de informação: econômica, de saúde e higiene, sobre consumo, ecológica, legal e referente à gestão. Informação econômica refere-se a gastos com a água, cobrança de taxa para tratamento com cloro, pagamento pelo uso da água. Quanto ao aspecto relativo à saúde e higiene os entrevistados fazem alusão ao cloro na água e conseqüências para a saúde, ao lixo e à sujeira na água, à qualidade da água, à contaminação da água por agrotóxicos e ao gosto da água. Em relação ao consumo os relatos expõem a preocupação com a falta de água, o desperdício e a necessidade de cuidar desse recurso. A informação ecológica refere-se a cisternas, à preservação de fontes, aos rios e às matas. Dados legais tratam da obrigação do uso do cloro na água, uma preocupação que tem para evitar multas. A informação sobre gestão inclui a falta de água, as formas de evitar sanções e a conscientização dos usuários para evitar desperdício.

Os informantes entendem que contribuem para melhorar a relação com a água por meio dos múltiplos usos cotidianos que dão a este recurso, das práticas de consumo consciente, da troca de informação na comunidade e do enfrentamento dos problemas que surgem. De modo geral, observou-se que os informantes entendem que não contribuem para piorar a relação dos seres humanos com a água.

#### *Relações mediadoras*

As análises apontaram que o trabalho constitui-se como um importante elemento mediador na relação que os informantes têm com os recursos hídricos: um comerciante cita que usa a água na limpeza ou higienização de produtos; outro vende água; o responsável pelo departamento do meio ambiente fiscaliza seu uso

e proteção; o industrial a utiliza na produção de alimentos; o proprietário de camping diz que depende totalmente do rio; o prefeito tem a preocupação de garantir às famílias o acesso à água; a comunicadora afirma que divulga notícias sobre este tema; o agricultor a usa para produção vegetal e rural e sobrevivência familiar, além da tríplice lavagem de embalagens de agrotóxicos; os presidentes das associações de água cuidam para que todos os associados tenham acesso à água; o pedreiro e o dono de construtora afirmam que na construção civil se utiliza água diariamente; o pescador diz que depende do rio para ter peixes; para os líderes religiosos a água é simbólica, lava a alma, tem relação com o ventre materno e com o ato do batismo; o técnico agrícola discute leis sobre o tema com produtores, participa do conselho que trata do tema.

Nas relações cotidianas familiares e de amizade, a água é um forte elemento de mediação social, aparecendo no ato de sorver o chimarrão (bebida típica regional), nos banhos de rio, no lazer na piscina, no banhar o animal de estimação. Quando a água é assunto de conversas no ambiente familiar ou de amizade, algum ente acaba sendo um agente de sensibilização para práticas mais sustentáveis em relação a este recurso natural. Os temas citados como geradores das conversas nestes grupos são: enchente, diversão ou lazer, cuidados com o abastecimento, orientação, poluição das águas, acampamentos, tratamento ou uso do cloro, limpeza de casa, pesca, proteção das águas.

Também as práticas de lazer na comunidade são fortemente mediadas pelas relações com a água. Marques de Souza é conhecido pelos seus sete campings à beira dos rios Forqueta e Fão. Moradores de toda região buscam os campings para banhos, festas e convívio social, práticas já tradicionais na comunidade.

No entanto, com a qualidade da água caracterizada como classe três, os usos dos recursos hídricos para esta região deveriam estar restritos aos dispostos pela Resolução CONAMA Nº 357/2005. Apesar de alguns informantes afirmarem que restringem o uso das águas, observou-se que muitos ainda preferem consumir água sem tratamento e se banhar nos arroios e rios, principalmente na época de veraneio.

### *Significados da água*

Foi solicitado aos entrevistados que dissessem cinco palavras que lhes vinham à mente quando lembravam da água. As palavras citadas foram agrupadas por ordem das mais citadas para as menos citadas.

A qualidade da água ou tratamento para consumo humano, saúde e bem estar foram as palavras mais citadas; seguidas pelas que se relacionam à higiene e limpeza e por temas relativos à ética e aos valores.

A alimentação, a sobrevivência e a preocupação com os animais e vegetais surgiu expressivamente entre as palavras mais lembradas, o que tem relação com o trabalho de um município marcadamente rural. Ou seja, a ruralidade que caracteriza o município medeia os sentidos construídos em torno da água.

Os entrevistados salientaram também a preocupação com aspectos ecológicos (poluição, chuva ácida, preservação, chuvas e estiagem), assim como a relação que fazem da água com a vida e com o futuro.

A relação com lazer aparece pouco nesta questão, apesar de se tratar de um município com muitos campings. No entanto, em respostas a outras questões a relação entre água e lazer apareceu fortemente.

Já a relação com a enchente de 2010 surgiu menos que o esperado pelos pesquisadores, apesar de alguns relacionarem o evento a uma reflexão sobre a relação com os recursos hídricos.

De modo geral, os discursos apontam uma percepção coletiva da água como uma necessidade vital, que garante a saúde e a qualidade de vida. Alguns significados revelam uma postura pró-ativa: deve ser cuidada para que “a natureza não devolva” as agressões que sofre (alusão à grande enchente), mantendo-se uma relação de “harmonia e colaboração”, “de zelo”; é preciso garantir o direito de todos usufruírem da água; é necessário buscar informação e usar o conhecimento dos antepassados e, também, evitar que grupos econômicos se apoderem deste “bem precioso à vida”.

Outros significados refletem preocupação: com o uso de agrotóxicos, com a plantação de eucaliptos e com a falta de mata ciliar, com a poluição dos recursos hídricos ocasionada pela falta de saneamento básico, com o descarte e/ou manejo inadequado dos dejetos das criações de animais e dos resíduos domésticos.

#### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As práticas sociais experienciadas e compartilhadas com a água, presentes nos relatos, que identificaram significados, atitudes, usos sociais e mediações cotidianas, possibilitaram a emergência de duas matrizes culturais que permeiam a interação entre a comunidade de Marques de Souza e este recurso natural: histórica e simbólica.

A matriz histórica estabelece-se a partir das relações entre presente e passado, marcada pelas percepções que os canais e a quantidade de água estão escasseando, em contrapartida aumentam os custos para se ter acesso a este recurso. Sua menor abundância está relacionada ao maior uso em atividades rurais e industriais e sua consequente contaminação, o que exige que se efetivem tratamentos químicos antes ausentes.

Verifica-se claramente, nas falas dos moradores, que a falta de informação clara sobre aspectos fundamentais da questão das águas tem gerado conflitos. O fato da água passar por um tratamento é interpretado como algo que afeta a saúde, mas também é necessário para se evitarem certas doenças.

Há o entendimento por parte dos entrevistados de que o baixo custo para o acesso ao bem pode comprometer sua disponibilidade, pois acaba por estimular ou permitir o desperdício. Tal entendimento legitima a possibilidade de cobrança pelo uso da água, citada como uma das diretrizes da política nacional de recursos hídricos.

Os entrevistados entendem que antigamente a água “era mais gostosa”, que era limpa, abundante, tinha mais força, havia diversidade de canais e, por consequência, havia, por parte da sociedade, mais cuidado com a conservação e maior preocupação com o armazenamento da água. Tais narrativas podem indicar uma alteração importante de comportamento. Se hoje a água é vista como escassa, de

má qualidade e de difícil acesso, algum movimento influenciou tal realidade. A pergunta a ser feita é: como se pode reaver esta relação marcada pelo cuidado do ser humano com a água?

Para retomar este elo perdido parece-nos necessário seguir a pista deixada por Bachelard (1998, 8): “devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal”. Ele não limita as águas, ao contrário, ele afirma sua imensidão: “Não é preciso que seja riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes” (9). Reaver o elo requer reterritorializar a relação da comunidade com as águas, o que refere-se a uma “ressignificação das vivências, fazendo emergir dos diversos níveis da realidade e dos diversos níveis de percepção, histórias pessoais, elos perdidos, sentimentos de pertencimento, a intenção voltada ao bem comum e o fortalecimento das formas de organização que busquem a religação” (Lacerda 2010, 38).

Trata-se de reaver uma relação tão poética quanto política com as águas. Mas “quem nos devolverá o despertar *natural*, o despertar *na natureza*”, se pergunta Bachelard (2008, 35) em outra passagem da obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Não será, por certo, o medo do futuro desenhado pela univocidade na crença de uma crise ambiental irremediável. Bachelard aposta na contemplação das águas. Para ele, “contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer” (49). E assim, como em uma experiência de sonho, “a água, por seus reflexos, duplica o mundo, duplica as coisas. Duplica também o sonhador, não simplesmente como uma vã imagem, mas envolvendo-o numa nova experiência onírica” (51). Assim, tendo em mente a interdependência de todos os seres, a interligação de todas as águas, vivencia-se a experiência que da mesma forma que “uma poça contém um universo. Um instante de sonho contém uma alma inteira” (53).

Será possível fazer brotar (ou rebrotar) estes sentidos hídricos na comunidade em que se realizou este estudo? Para buscar pistas para esta questão, voltamo-nos à segunda matriz que emergiu das narrativas: a *matriz simbólica*. Observou-se que o cuidado emerge como significado predominante entre os informantes, os quais indicam predisposição a comportamentos mais sustentáveis com a água. Também percebeu-se que os papéis sociais que os atores desempenham na comunidade são mediadores da relação que mantêm com os recursos hídricos, seja no trabalho, na família ou nos espaços de lazer. Do mesmo modo, as informações que recebem da diversidade de fontes citadas afetam suas práticas e os usos sociais das águas.

Outros elementos relativos a esta matriz referem-se aos significados da qualidade da água para a sobrevivência humana, que se sobrepõem à preocupação com as dimensões ecológica, preventiva, conservacionista, apesar de algumas narrativas relacionarem-nas.

Enfim, as análises apontam os seguintes sentidos produzidos pelos atores na sua relação com as águas: preocupação com a contaminação, com o desperdício e com a cobrança do recurso; a falta de informação sobre aspectos legais, sanitários, econômicos, ecológicos, de gestão e consumo; a falta de comunicação sobre o tema entre moradores, executivo, comitê de bacia e sociedades de água; a predisposição para comportamentos sustentáveis no cotidiano; a apreensão com relação aos pro-

blemas que afetam os recursos hídricos; os papéis sociais familiares, comunitários e no trabalho como mediadores da relação com a água.

Esses sentidos, algumas vezes paradoxais, pinçados das narrativas e histórias dos entrevistados dão a conhecer sobre aspectos da organização da sua subjetividade e dos seus modos de vida, que se revelam (nebulosamente) na construção das identidades individuais e coletivas: “Estórias, obviamente, não se apresentam apenas na forma de ficções ou fílmicas; elas se apresentam também na conversação diária, nos futuros imaginados e nas projeções cotidianas de todos nós, bem como na construção — através de memórias e histórias — de identidades individuais e coletivas” (Johnson 2010, 69).

As pistas expostas nos sentidos presentes nas narrativas hídricas informam sobre os padrões recorrentes dos contextos (imediate e histórico) em que se inserem. Isto porque, as narrativas são momentos de “autoprodução discursiva dos sujeitos”, que informam sobre histórias e memórias (Johnson 2010).

Os fragmentos das narrativas dos informantes desta pesquisa expõem parte da sua subjetividade, forjada no contato cotidiano com os dois rios. Subjetividade esta que tem as marcas históricas do presente na percepção das questões relacionadas aos recursos hídricos: escassez, custo, contaminação, doença, desperdício, enchente, poluição. Significados que remetem ao medo e a um uso instrumental da água. E também às marcas da memória de um passado, como as marcas oníricas do gosto, da pureza, da força, da diversidade, que se contrapõem ao presente. Apesar de periféricos, surgem também, nas narrativas, sentidos relacionando a água aos prazeres cotidianos entre amigos e familiares.

Estas histórias e memórias narradas pelos sujeitos expõem a ética que os move, a qual é fruto da autorreflexão, da relação com o outro e com a comunidade, com a humanidade planetária e com o cosmos (Morin 2005). Uma ética contraditória que remete ao passado e ao presente, a medos e a prazeres, atravessados pela interferência mútua das construções sociais forjadas no cotidiano comunitário, ainda permeado por fortes vazios de informação sobre as possibilidades (e necessidades) políticas do debate público sobre a questão das águas.

Esta ética marcada por contradições refere-se a formas diferenciadas de apropriação e valoração dos signos, que se inscrevem nas diferentes formas de nomear e representar as mesmas situações sociais. “O perigo surge quando tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do ‘popular’” (Hall 2003, 255, 256).

A cultura popular se forma de “símbolos e pedacinhos ambíguos” (Hall 2003). É a cultura comum das pessoas comuns, que se fabrica nas atividades banais do cotidiano que se renovam a cada dia, por meio dos usos sociais (Certeau 1996). Entrelaça-se a todas as práticas sociais através da qual homens e mulheres fazem a história, conforme o modo de lidar com suas condições de existência, tradições e práticas vividas, segundo Hall (2003).

Os significados expostos nas matrizes simbólicas e históricas que marcam a cultura comunitária em Marques de Souza informam sobre estes “pedacinhos

ambíguos" tecidos nas atividades banais do cotidiano, que entrelaçam modos de vida constituindo a historicidade de um território.

Pedacinhos estes formados por elementos que remetem à ordem política (relativa às decisões sobre acesso, quantidade e qualidade das águas) e à ordem poética (cuidado, gosto, memória, prazeres, fontes puras, a força das águas). Aparentemente apenas contraditória, a mistura destes fragmentos políticos e poéticos pode reaver o elo perdido entre os sujeitos e o meio em que vivem. Os discursos informaram que os elementos políticos estão mais acordados que o sentimento de pertencimento, relativo a um instinto poético adormecido, mas que também é inerente à natureza humana.

Marques de Souza é um município bucólico, remete ao poético. Pequeno, com 4.068 habitantes, marcado pela cultura de imigrantes, inserido em uma paisagem de vale, desenhada pelas águas dos rios que o perpassam, por morros habitados por fauna e flora diversificadas. Mesmo pequeno e singelo, o município já enfrenta problemas de contaminação das águas e do solo, devido às práticas produtivas e à falta de tratamento de dejetos humanos e animais, o que requer um posicionamento político de seus cidadãos.

A compreensão das matrizes culturais que marcam a relação entre os grupos sociais e a natureza é pressuposto para empreender qualquer movimento em direção a políticas públicas locais que visem à sensibilização para novas práticas socioambientais. É preciso compreender a ética que move uma comunidade na sua relação com o entorno para empreender qualquer esforço para reaver o sentimento de pertencimento mútuo entre ser humano e natureza, e entre cada um e sua própria natureza.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo conclusivo pode-se afirmar a necessária retomada da relação poética com as águas concomitante com práticas politizadas para os usos e necessidades deste bem comum. Uma política-poética pode ser um caminho para o enfrentamento dos desafios que se desenham em um futuro próximo. Trata-se de um processo a ser iniciado na comunidade onde se realizou o estudo e que depende de práticas de conversações cívicas em que esteja em debate este tema público, que tem em si a potência de mobilizar emoções, de construir efetivamente processos de cidadania e de governança ambiental.

#### REFERÊNCIAS

- Bachelard, Gaston  
 1998 *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes.
- Banco de Dados Regional  
 2007 *Resultados do Idese*. [http://www.bdr.univates.br/consulta2/sel\\_opcoes.php?abrir\\_consulta\\_x=1&id=400](http://www.bdr.univates.br/consulta2/sel_opcoes.php?abrir_consulta_x=1&id=400).
- Certeau, Michel  
 1996 *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Comitê da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas  
 2010 *Informações legais*. Disponível em <http://www.taquariantas.com.br/site/home/pagina/id/16>.

- FEPAM (Fundação de Proteção Ambiental)  
 2011 *Qualidade ambiental—Região hidrográfica do Guaíba: Rio Taquari & Rio das Antas*. Disponível em <http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/taquariantas.asp>.
- Hall, Stuart  
 2003 *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)  
 2010 *IBGE Estados*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.phpsigla=rs>.
- Johnson, Richard  
 2010 “O que é, afinal, Estudos Culturais?” Em *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Tomaz Tadeu da Silva, 7–132. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Lacerda, Ana Braga de  
 2010 “Educação ambiental entre o humano, o não humano e o desumano”. Em *Educação ambiental e os movimentos de um campo de pesquisa*, organizado por Martha Tristão e Pedro Roberto Jacobi. São Paulo: Annablume.
- Mártin-Barbero, Jesús  
 1997 *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura e hegemonía*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Mazzarino, Jane M.  
 2013 *Tecelagens comunicacionais midiáticas do movimento socioambiental*. Lajeado, Brasil: Univates, 2013. Disponível em [http://www.univates.br/media/manual/tecelagens\\_ebook.pdf](http://www.univates.br/media/manual/tecelagens_ebook.pdf).
- Moraes, Roque  
 2005 “*Mergulhos discursivos: Análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos*”. Em *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*, organizado por Maria do Carmo Galiazzi e José Vicente de Freitas, 85–114. Ijuí, Brasil: Ed. Unijuí.
- Morin, Edgar  
 2005 “O método 6: ética”. Porto Alegre: Sulina.
- Périco, Eduardo  
 2010 “Alterações na paisagem da bacia hidrográfica do rio Forqueta, RS, Brasil, nos anos de 1989 a 2008.” Em *SIG-SUL: Simpósio Integrado de Geotecnologias do Cono Sul, Canoas. Anais do SIG-SUL*. Canoas, Brasil: Ed. LaSalle.
- Périco, Eduardo, Úrsula Arend, Gisele Cemin, Rafael Eckhardt, Fábio Secchi e Claudete Rempel  
 2011 “Alterações na paisagem da bacia hidrográfica do rio Forqueta, RS, Brasil”. Em *Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto—SBSR*, Curitiba, PR, Brasil, 30 de abril a 05 de maio de 2011, 1713–1719. Curitiba, Brasil: INPE.
- Prefeitura Municipal de Marques de Souza  
 2011 *Portal Marques*. Disponível em <http://portalmarques.com.br/handler.php?module=mun&action=dadosgerais&idp=5014>.
- Shiva, Vandana  
 2006 *Guerras por água: Privatização, poluição e lucro*. São Paulo: Radical Livros.
- Strohschoen, Andréia, Eduardo Périco, Daiane Lima e Claudete Rempel  
 2009 “Estudo preliminar da qualidade da água dos rios Forqueta e Forquetinha, Rio Grande do Sul”. *Revista Brasileira de Biociências (Porto Alegre)* 7, no. 4: 372–375.
- Teixeira, M. de L. T., O. Furtado e A. M. B. Bock  
 2002 “A psicologia social.” Em *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*, 13ª ed., 135–145. São Paulo: Saraiva.
- Zinato, Maria do C.  
 2005a “A construção da cidadania propulsionada pela água”. Em *Gestão de recursos hídricos: Aspectos legais, econômicos, administrativos e sociais*, organizado por Demetrius David da Silva e Fernando Falco Pruski, 619–624. Brasília: Viçosa/MG.  
 2005b “Participação comunitária no planejamento.” Em *Gestão de recursos hídricos: Aspectos legais, econômicos, administrativos e sociais*, organizado por Demetrius David da Silva e Fernando Falco Pruski, 640–643. Brasília: Viçosa/MG.